

POLITECNIA E EMANCIPAÇÃO HUMANA: UMA METODOLOGIA PARA A FORMAÇÃO HISTÓRICO-CRÍTICA NA UNIVERSIDADE

Antônio Carlos Maciel*
Rute Moreira Braga**

E o que fazer? – Ele me pergunta. Acabar com o especialista – transformar o jovem que sai da escola sem ler um livro, preocupado apenas com os assuntos de sua profissão. Levá-lo à leitura, fazê-lo entender melhor este mundo injusto que devemos modificar. Oscar Niemeyer, 2007.

RESUMO: O presente trabalho é o resultado de um Laboratório Pedagógico, realizado no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Metodologia do Ensino Superior da Universidade Federal de Rondônia, no período entre 2000 e 2006, que teve por finalidade integrar os diversos processos metodológicos de aprendizagem e produção do conhecimento científico na Universidade. Partindo do princípio da politecnia com o objetivo de superar os processos fragmentados em busca da emancipação humana, a experiência demonstrou que os processos de aprendizagem (leitura, estudo, pesquisa, expressão do conhecimento – oral, enquanto discurso lógico, e escrito, enquanto produção dissertativa) executados, por diversas disciplinas de Metodologia da Produção Acadêmica e Científica, em diferentes momentos curriculares, quando ocorrem em sujeitos, com as funções orgânicas normais, são mais humanizantes e eficientes, quando ministrados integradamente.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia Científica, Método de Ensino-Aprendizagem; Formação Histórico-Crítica; Politecnia; Emancipação Humana.

A disciplina “Metodologia da Produção Acadêmica e Científica” tem por objetivo proporcionar, a todos os acadêmicos do Curso de Pedagogia, o domínio dos instrumentos técnicos, que lhes possibilitem a participação ativa nos processos de aprendizagem e de aquisição do *conhecimento científico*.

Para tanto, os acadêmicos serão instigados a rever hábitos de leitura e modos de organizar a vida de estudante, ao mesmo tempo em serão motivados a investir numa proposta de formação acadêmica, a histórico-crítica, que lhes possa proporcionar não só uma formação profissional consistente, mas também o desenvolvimento de suas múltiplas capacidades humanas e emancipatórias.

* - Graduado em Filosofia e Pedagogia, pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Inovação e Difusão Tecnológica pela FGV/ISAE, Mestre em Educação pela UFAM e Doutor em Ciências Sócio-Ambientais, pela UFPa. Professor da Universidade Federal de Rondônia. acmaciel@unir.br.

** - Graduada em Pedagogia pela FIAR-RO, Especialista em Supervisão Escolar pela UNIR e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Fundamentos Epistemológicos e Experimentais da Pedagogia Histórico-Crítica – FEPHISC/CEPED-UNIR.

Com efeito, a vida produtiva na Universidade põe, de imediato, aos acadêmicos o desafio da gestão do tempo e das condições materiais, que dão suporte às atividades intelectuais requeridas pelos rigores da vida acadêmica.

Além da gestão da vida acadêmica, serão apresentados instrumentos técnicos necessários à realização desde os trabalhos mais simples, tais como esquemas lógicos, resumos, resenhas e trabalhos acadêmicos, até artigos e monografias, tal como exigidos especificamente pelas diversas disciplinas do Curso de Pedagogia à Distância.

O objetivo deste texto é, em última instância, demonstrar que a aprendizagem do desempenho técnico não está dissociada da formação humana e de suas múltiplas formas de realização.

1. A GESTÃO DA VIDA ACADÊMICA

A preparação, a organização e a gestão da vida acadêmica são pressupostos determinantes para o bom desempenho na Universidade. Cabe ao aluno, ao chegar a esse centro de formação humana, profissional e científica, certificar-se de sua história, de sua forma de funcionamento e de suas finalidades institucionais.

A Universidade, quando pública, geralmente possui uma dinâmica funcional muito diferente das outras instituições ligadas ao Estado. Suas tradições antecedem mesmo ao aparecimento do Estado Moderno, e suas formas colegiadas de gestão exigem, não raramente, um esforço no aprendizado da tolerância, da aceitação obrigatória das diferenças pessoais, teóricas, ideológicas, políticas, sociais, religiosas. Nesse sentido, a Universidade, quando voltada para os ideais de liberdade e para o desenvolvimento da cultura e da ciência, é a força motriz da Democracia, fim maior de toda e qualquer sociedade moderna.

É nessa perspectiva que a organização do trabalho acadêmico se torna relevante e, portanto, é nessa perspectiva que será apresentado, como mais um instrumento de que deve se servir o aluno, particularmente, aqueles oriundos das classes populares.

1.1. A GESTÃO DO TRABALHO ACADÊMICO

Inicialmente, o desempenho satisfatório na Universidade depende da compatibilidade que o acadêmico faz entre as suas atividades rotineiras (profissionais, domésticas e lazer) e as atividades acadêmicas.

Desnecessário enfatizar que a decisão de fazer um curso universitário deve se constituir numa opção, cuja prioridade é determinante para o sucesso acadêmico e, posteriormente, o profissional. O discente que negligencia essa prioridade, se não está fadado ao fracasso, pelo menos está, intencionalmente ou não, procurando dificultar o seu próprio

processo de aprendizagem e pondo em risco as oportunidades de uma formação consistente, que pode ser proporcionada pela Universidade.

Por isso, o gerenciamento do tempo, em situações de ensino regular, é um elemento decisivo para o controle do desempenho, uma vez que é esse gerenciamento que viabiliza a regularidade do trabalho acadêmico. Notadamente, quando se fala de ensino regular, fala-se de ensino presencial. Logo, regularidade no ensino presencial significa não só a obrigatória frequência (75% é o mínimo) às aulas, mas também a disponibilidade de tempo para atividades de estudos e pesquisas fora da sala de aula, necessárias ao aprofundamento dos estudos dentro dela.

No caso, do ensino a distância, o gerenciamento do tempo deve ser mais rigoroso ainda, porque a não obrigatoriedade da presença física cria, necessariamente, um relaxamento num processo fundamental em qualquer atividade intelectual, a regularidade e, sem esta, dificilmente se alcançará um grau de sistematicidade requerida pelas atividades científicas.

Por isso, o estabelecimento de um cronograma, que balize o fluxo das atividades diárias, nas quais se priorize as atividades acadêmicas, é uma atitude básica para o desempenho satisfatório na Universidade.

O segundo elemento é o estabelecimento de objetivos claros para a criação das condições materiais.

1.2. A CONSTRUÇÃO DAS CONDIÇÕES MATERIAIS PARA O TRABALHO ACADÊMICO

A construção das condições materiais, que darão suporte à vida acadêmica, é a primeira medida que deve ser negociada com a família¹. É a decisão mais difícil para os jovens das classes populares, quer pelas condições instáveis de existência, quer pela formação cultural da família, quer, ainda, pela necessidade, não rara, de compatibilizar estudo e trabalho.

Em todo caso, para a juventude dessa origem social, não há saída, que não seja o planejamento, em médio e longo prazos, para a aquisição do espaço e dos recursos didáticos indispensáveis ao trabalho acadêmico. Assim, a construção do espaço físico na residência é a base sobre a qual o ambiente da produção acadêmica deve ser construído.

¹ - Os livros de metodologia, geralmente, talvez em função da realidade social das Universidades do centro-sul do país, partem do pressuposto de que os alunos universitários são, no mínimo, de classe média baixa e que por isso mesmo, têm as condições materiais disponíveis na família. Grande parte da clientela universitária do norte e nordeste do país é constituída por jovens oriundos das classes populares e o ensino a distância, apesar de estar baseado no uso das novas tecnologias, têm seu foco voltado para essas camadas da população. Desse modo, essa seção tem por pressuposto de que a clientela é constituída por esses seguimentos sociais menos abastados da população.

Trata-se, com efeito, de adquirir, ao longo do curso, os recursos didáticos mínimos necessários ao desempenho produtivo na Universidade: os livros instrumentais. Por livros instrumentais, chamam-se os dicionários (etimológico e especializado – de preferência, o de educação e o de ciências sociais), as gramáticas (da língua portuguesa e da inglesa, pelo menos), os livros de história e literatura (universal, brasileira e regional), os manuais básicos das ciências da educação (Filosofia, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Economia, Ciência Política e História da Educação) e, finalmente, os livros das áreas de interesse especializado.

A construção da biblioteca básica, para o aluno-trabalhador, contraditoriamente, é mais importante do que para o aluno das classes médias e abastadas, porque o aluno-trabalhador não dispõe do tempo, tão necessário à pesquisa na biblioteca da universidade, mesmo no caso do ensino à distância, onde se supõe que o acesso à pesquisa na internet esteja disponível.

Numa palavra, preparar-se para o trabalho acadêmico é fundamental para uma formação profissional compatível com as novas exigências da sociedade digital e, muito mais ainda, se o compromisso for, além da pragmática formação profissional, com uma formação cultural para a emancipação humana. O processo de produção acadêmica apresentado a seguir tem esse objetivo.

2. ORIGENS DO MÉTODO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA HISTÓRICO-CRÍTICA

Há alguns anos, vem-se tentando sistematizar a articulação entre a técnica de leitura analítica (Severino, 2002), a forma de estruturar o raciocínio lógico em língua portuguesa (Garcia, 2000) e os objetivos de uma formação acadêmica histórico-crítica (Saviani, 2003).

Essa tentativa se deve ao fato de que as metodologias – de estudo (geralmente reduzida à leitura), de exposição oral (que se encontra no âmbito da metodologia de ensino), bibliográfica e registro documental (enquanto parte da metodologia de pesquisa), e de elaboração (enquanto construção de texto dissertativo) – normalmente são apresentadas, umas separadas das outras, como se o processo não pudesse ser integrado e, como se sabe, há uma avalanche de livros nessa área, não raramente repetitivos, apesar de suas diferenças pontuais. E isso foi se tornando cada vez mais angustiante, não só à medida que se percebiam as conseqüências dilacerantes desse modo fragmentado de proceder, mas também em função das contribuições da pedagogia histórico-crítica².

² - Nesse aspecto particular, o traço fundamental da formação marxista consiste na busca da potencialização das faculdades humanas através do desenvolvimento integral de suas múltiplas capacidades. Ver a propósito Maciel, Ranucci e Braga (2005), Maciel e Braga (2006) e Maciel (2005 e 2007).

Para quem tem esse referencial teórico, os procedimentos operacionais, que viabilizam a formação acadêmica, não podem ser assim estanques, têm de buscar uma formação integralizadora das múltiplas capacidades humanas. Por isso mesmo, esse estudo apresenta o resultado dessa busca, testada sistematicamente, entre 2000 e 2005, no laboratório pedagógico do Curso de Pós-Graduação “Lato Sensu” em Metodologia do Ensino Superior da Universidade Federal de Rondônia, e aplicada aos Cursos de Graduação em Pedagogia da mesma universidade³.

Assim, esse artigo tem por objetivo apresentar os elementos metodológicos para uma formação acadêmica histórico-crítica, com os quais, a partir de uma técnica de leitura, seja possível desenvolver habilidades de elaboração de *esquemas*, enquanto estrutura lógica do discurso científico; de *resumos*, enquanto interpretação de texto; de *resenhas*, enquanto interpretação crítica de texto e de uma forma de *fichamento*, o conceitual, enquanto organização de banco de dados indispensável à produção acadêmica. Ao mesmo tempo, demonstrar-se-á que esses procedimentos de apreensão e compreensão são a base para os elementos de *expressão oral*⁴, enquanto interface funcional da estrutura lógica do discurso científico, e *escrita*, enquanto fundamento estruturante da elaboração dissertativa.

Estruturalmente, num primeiro momento, expor-se-á a forma como se entende a técnica de leitura em seus diversos elementos operacionais, num segundo momento, como a técnica de leitura pode se transformar num método de estudo da formação acadêmica histórico-crítico. Por fim, nas conclusões, expõem-se alguns obstáculos do percurso dessa trilha, enquanto enfatizam-se os traços centrais da metodologia proposta.

2.1. A FONTE INICIAL: A TÉCNICA DE LEITURA ANALÍTICA

A técnica de leitura analítica é uma técnica de interpretação de textos dissertativos, proposta por Severino (2002, p. 47-61), como uma ferramenta necessária à efficientização dos estudos na universidade.

Constitui-se de cinco processos intercomplementares: a análise textual, a análise temática, a análise interpretativa, a problematização e a síntese.

³ - Evidentemente que os processos metodológicos das plataformas de ensino-aprendizagem à distância, uma vez não testados pela experiência supra referida, serão integrados a esse processo de formação, à medida que se encontre a melhor forma de se utilizar essa tecnologia como mecanismo de desenvolvimento integral do homem.

⁴ - Quando um aluno apresenta oralmente um trabalho acadêmico em sala de aula utiliza exatamente desse expediente. Uma exposição será tanto melhor quanto mais qualificada for a utilização de um software de autoria (PowerPoint, Visual Classic, Memories on tv, Mind Manager), que se baseie num esquema lógico e não em um texto. A confecção de recursos didáticos, de base tecnológica, é objeto da disciplina “Informática como Recurso Didático-Pedagógico”, também, do Curso de Pós-Graduação lato sensu em Metodologia do Ensino Superior, coordenado por Antônio Carlos Maciel na Universidade Federal de Rondônia.

A análise textual é uma leitura rápida, uma primeira abordagem, que tem por objetivo preparar o texto para uma leitura efetiva, a análise temática. Tal preparação do texto consiste das seguintes atividades: leitura seguida e completa da unidade de leitura buscando uma visão de conjunto dos raciocínios que constituem a estrutura lógica da argumentação do autor. Operacionalmente, devem-se assinalar todos os pontos passíveis de dúvida e destacar todos os dados desconhecidos ou superficialmente conhecidos. Isso envolve referências sobre a vida e obra do autor, o vocabulário, fatos históricos, teorias e doutrinas, outros autores. Finalizado esse processo, interrompe-se a leitura para uma pesquisa bibliográfica e documental visando superar as dúvidas anotadas. O autor sugere que se encerre a leitura textual com a esquematização do texto.

Na leitura temática, a segunda etapa da abordagem do texto, procede-se à “compreensão da mensagem global veiculada na unidade” (SEVERINO, 2002, p. 53), procurando ouvir o autor, apreender o conteúdo de sua mensagem, sem emitir juízos de valor sobre a mensagem. Operacionalmente, fazem-se perguntas ao texto, cujas respostas exprimem os elementos básicos para a compreensão dele. Do que trata o texto? A resposta a esta pergunta revela o tema, porém cabe ao leitor atentar para a perspectiva em que é tratado, a fim de encontrar o âmbito epistemológico no qual se encontre. No mais das vezes, esse âmbito determina o problema do texto, mas é fundamental perguntar como o tema está problematizado ou qual o problema que o texto tenta solucionar ou explicar.

Identificado o problema, encontra-se a idéia central, que é a tese com a qual o autor responde ao problema, perguntando como ele se posiciona diante do problema formulado. A tese, inicialmente uma hipótese geral da unidade, deve ser demonstrada mediante um raciocínio, que pode ser identificado, perguntando-se qual o argumento utilizado pelo autor. Segundo Severino (2002, p. 55), a apreensão do raciocínio é de fundamental importância, pois:

É através do raciocínio que o autor expõe, passo a passo, seu pensamento e transmite sua mensagem. O raciocínio, a argumentação, é o conjunto de idéias e proposições logicamente encadeadas, mediante as quais o autor demonstra sua posição ou tese. Estabelecer o raciocínio de uma unidade de leitura é o mesmo que reconstituir o processo lógico, segundo o qual o texto dever ter sido estruturado: com efeito, o raciocínio é a estrutura lógica do texto.

A apreensão do raciocínio, portanto, enquanto estrutura lógica formada por um conjunto de proposições logicamente encadeadas, é determinante para o estabelecimento da proposição central, a tese, das proposições principais, que enunciam a idéia central dos parágrafos do texto, e das proposições secundárias que, no limite, dão consistência às

proposições principais. Assim, a análise temática proporciona a compreensão necessária à elaboração do resumo, que deve ser feito com base no esquema da leitura textual.

A terceira etapa da abordagem é chamada pelo autor de análise interpretativa. Tem por objetivo a compreensão profunda e contextualizada do texto. Desse modo, devem-se, inicialmente, situar as idéias do autor, ora em análise, no contexto geral do pensamento dele, bem como no âmbito dos autores que trabalham com o tema e, a partir disso, no âmbito de uma postura filosófica, de tal sorte que seja possível interagir com outras posturas, a fim de buscar os pontos comuns, os divergentes e, mesmo, os antagônicos. Fica claro, então, que isso não é possível senão através do conhecimento dos pressupostos epistemológicos determinantes de uma área e de seus fundamentos filosóficos.

Esses procedimentos são decisivos para uma postura crítica sobre o texto. A crítica consiste na formulação de um juízo crítico, uma tomada de posição a cerca dos fundamentos, mediante critérios da consistência científica, tais como a coerência interna, a originalidade, o alcance, validade e contribuição para o aprofundamento da temática.

Verifica-se a coerência interna, perguntando se o autor conseguiu demonstrar sua tese, de acordo com os princípios da lógica, se as conclusões são sustentadas por proposições consistentes, se os objetivos, a que se propôs, foram alcançados. A originalidade pode ser verificada, perguntando se o autor conseguiu ir, além de uma pura retomada das posições já conhecidas, além da mera erudição; ao mesmo tempo em que se pergunta qual a relevância de suas conclusões à área científica para se confirmar o alcance e a validade dessas contribuições.

O estabelecimento desses procedimentos é determinante para a formulação da crítica e vital para elaboração de uma resenha. Em síntese, afirma Severino (2002, p. 56):

Interpretar, em sentido estrito, é tomar uma posição própria a respeito das idéias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das idéias expostas, é cotejá-las com outras, enfim, é dialogar com o autor.

A análise interpretativa pode ir até a uma tomada de posição político-ideológica que o texto encerre em suas entrelinhas. Essa tomada de posição exige maturidade intelectual para que a crítica não se reduza ao um ato de discórdia em si ou a uma inócua posição contrária em função de um posicionamento prévio.

O processo de estudo e interpretação de texto, de acordo com o autor de referencia, termina com essas três abordagens. Mas ainda há dois processos complementares: o da problematização e a síntese pessoal.

A problematização, necessária quando o estudo é realizado em grupo, é uma quarta abordagem, que tem por objetivo problematizar o texto, a partir do tema principal e dos temas secundários que lhe dão suporte. Esse processo torna-se simples quando tal problemática é construída tendo por base o esquema, já, então, elaborado. Assim, se o esquema tem uma introdução, quatro partes no desenvolvimento e uma conclusão, supostamente a formulação da problemática deve incidir sobre as quatro partes do desenvolvimento, resultando em quatro questionamentos, formulados de tal modo que levem os alunos a raciocinar sobre a resposta. Se tais respostas elucidam os problemas particulares do desenvolvimento do texto, no conjunto, explicam o problema central do trabalho. Desse modo, a problematização se torna um guia, um roteiro para estudo do texto.

Finalmente, o acadêmico pode, então, realizar uma síntese pessoal, uma interpretação independente do texto em estudo. Busca-se, aqui, a autonomia intelectual, já tentada com a crítica que se encontra na resenha. Com alguns elementos adicionais (muito em razão do que se pretende daqui pra frente) é nisto que consiste a técnica de leitura analítica.

Todavia, a proposta, tal como apresentada, pressupõe hábitos rigorosos de produção acadêmica que colidem com grande parte da tradição acadêmica brasileira, originadas na educação básica, tanto dos sistemas públicos de ensino, quanto de parte significativa do sistema privado: faltam hábito e tempo. Esta proposta, diante de tais considerandos, destina-se aos estudantes que se encontram no âmbito das classes populares, cujas condições de existência impediram que a formação, na educação básica, tivesse a mesma consistência das classes médias e abastadas da sociedade.

2.2. O FUNDAMENTO PEDAGÓGICO DA FORMAÇÃO HISTÓRICO-CRÍTICA

Com base nos pressupostos das seções anteriores, os desdobramentos da técnica de leitura analítica, que serão apresentados, levam em consideração, de um lado, exatamente a falta de hábito e tempo e, de outro, as difíceis condições materiais de existência das classes populares, para propor, em vez de uma técnica de leitura, um conjunto de procedimentos metodológicos, que possibilitem não só a realização do trabalho acadêmico-profissional, mas também a realização da própria formação cultural, enquanto emancipação humana das classes a que se destina.

Como o sucesso da vida acadêmica depende de fatores das mais diversas ordens: material, biológica, psicossocial, cultural, parte-se do pressuposto de que o estudante, oriundo das classes menos abastadas, se encontra no âmbito da normalidade psicobiológica e de que as condições adversas, decorrentes de sua condição sócio-cultural, podem ser

revertidas pela potencialização de suas capacidades genéticas e pelo desenvolvimento de habilidades necessárias ao desempenho satisfatório na sociedade de classes⁵.

Nesse sentido, o conhecimento da sociedade onde se encontra e a postura política diante dela são elementos básicos. O conhecimento da sociedade possibilita o livre trânsito, fundamental para quem precisa de mobilidade num *lócus*, onde a condição social mais entrava que dinamiza; a postura diante dessa sociedade permite a formação de uma ética, de acordo com princípios que consolidem a dignidade da pessoa, enquanto cidadão historicamente situado.

Esse pressuposto, por sua vez, facilita a compreensão do lugar ocupado pela universidade e do papel desempenhado por ela na sociedade. Esta, não é uma sociedade qualquer, é uma sociedade formada à base do colonialismo etnocêntrico e do coronelismo escravista, cuja simbiose a tornou etnocentricamente elitista e exageradamente voltada para atender as expectativas dos seguimentos sociais dominantes (FERNANDES, 1986, p. 13-37). Nessa perspectiva, a universidade é o lugar privilegiado da reprodução econômica, social e cultural, e o desconhecimento dessa realidade pode custar caro à formação profissional e causar danos irreversíveis a formação da humanidade emancipatória das classes populares.

Desse modo, a busca por um processo educativo, que possa subverter os processos marginalizadores de formação, só poderia ser possível através de um princípio pedagógico, que orientasse em sentido contrário. Esse princípio é o da politecnia, tal como é concebido por Maciel (2005 e 2007), um “um processo de desenvolvimento integral das faculdades humanas, tratando equilibradamente racionalidade, habilidade, sensibilidade e sociabilidade”, um processo que entende:

A racionalidade como desenvolvimento das dimensões lógico-cognitiva e psíquica (onde o conhecimento científico seja determinante); a habilidade, enquanto expressão de capacidades psicomotoras e físicas (onde o esporte e a formação profissionalizante constituam suportes fundamentais); a sensibilidade como potencialização de todos os sentidos (onde a música, a dança, a literatura, o teatro e as artes visuais e plásticas tenham lugar privilegiado); e a sociabilidade como efetivo exercício político nas relações sociais (onde a cidadania, a ecologia humana e a saúde tenham prioridade)⁶.

Com base nesses pressupostos então seria possível desenvolver um método de formação acadêmica que atendesse a esses princípios.

⁵ - A relação entre desenvolvimento e aprendizagem se baseia em Vygotsky (1991 p. 89-103).

⁶ - A tradição brasileira interpreta politecnia como um processo de recomposição das funções técnicas no âmbito do que Marx chama de educação tecnológica (MACHADO, 1989 e 1991; NOGUEIRA, 1990; FRIGOTTO, 1999; KUENZER, 1998; SALM, 1980) como possibilidade de superar a alienação. Machado, Kuenzer e Frigotto dão pistas de que essa interpretação não é suficiente para uma emancipação integral. No atual estágio de estudo do grupo que faz essa proposta, politecnia é um conceito que abrange não só a educação tecnológica, mas também a intelectual e a física, tornando-se a sua unidade, enquanto princípio pedagógico.

3. O MÉTODO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA HISTÓRICO-CRÍTICA

O processo metodológico histórico-crítico de produção acadêmica, enquanto método de estudo, baseia-se na técnica de leitura analítica. Diferentemente desta, porém, os cinco passos de sua execução são reduzidos a dois, mediatizados por uma pesquisa interdisciplinar.

3.1. PRIMEIRO MOVIMENTO: O ESTUDO DO TEXTO

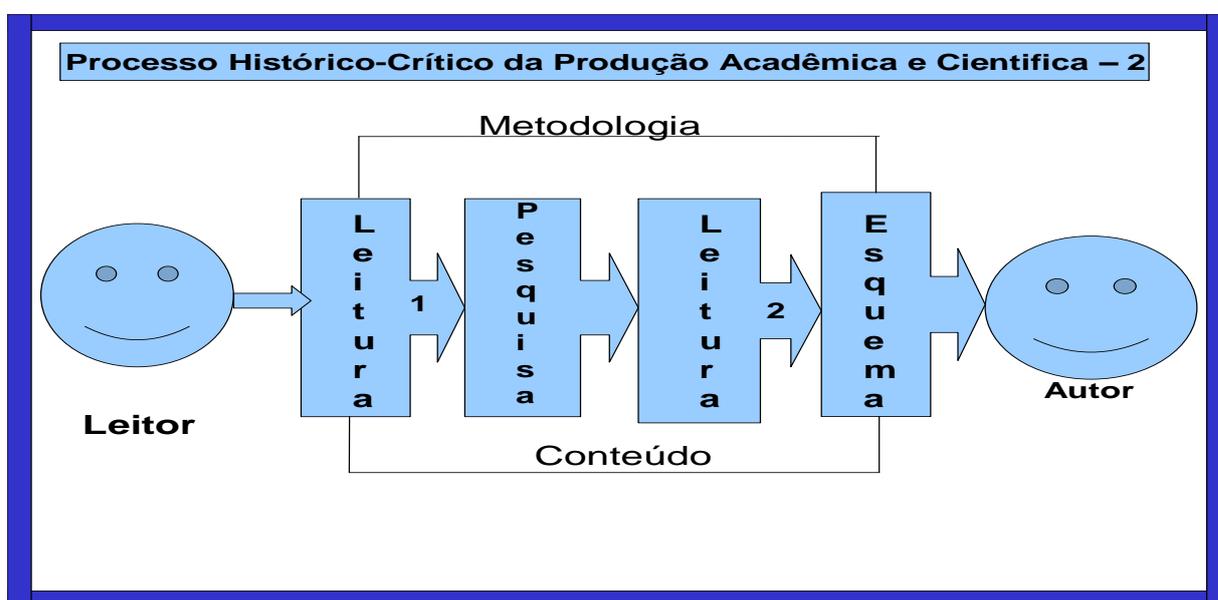
Esse primeiro movimento técnico de estudo é composto de uma primeira leitura para reconhecimento e visão de totalidade do texto, da imprescindível pesquisa interdisciplinar sobre a fundamentação epistemológica e o contexto histórico-cultural do texto e seu autor, e de uma segunda leitura para compreensão aprofundada do conhecimento científico veiculado pelo texto, num movimento de apropriação didático-pedagógico, que se desenvolve predominantemente no sentido leitor-autor e do texto para o esquema, conforme ilustra a Figura 1, abaixo.



Assim, a *primeira leitura*, que pode continuar sendo chamada de textual, deve ser desenvolvida com os mesmos procedimentos e finalidade daquela, com uma diferença fundamental: não se deve proceder a elaboração do esquema lógico do texto. Os testes realizados apontaram uma margem de erro muito grande, quando o esquema lógico é estruturado nessa fase, principalmente na graduação. O foco desta leitura rápida deve estar centrado no *destaque de todas as expressões desconhecidas*: palavras, conceitos, dados, fatos, teorias, autores. Isto, todavia, não deve impedir que o leitor atente para o estilo, a forma, o

modo como o autor exprime seu pensamento, uma vez que estas percepções são as primeiras dicas da estrutura lógica do texto.

Por isso, uma boa preparação dos estudos universitários consiste numa revisão gramatical da língua portuguesa, o que pode ser feito de modo agradável através da leitura de autores-referência das diversas escolas literárias, e de uma revisão dos elementos lógicos fundamentais para a construção de raciocínios⁷. Essa preparação servirá de premissa tanto para a *pesquisa multidisciplinar* bibliográfico-documental, quanto para o retorno ao texto original, de cuja *leitura, a segunda*, resultará o *esquema lógico*, conforme está ilustrado na Figura 2, abaixo.

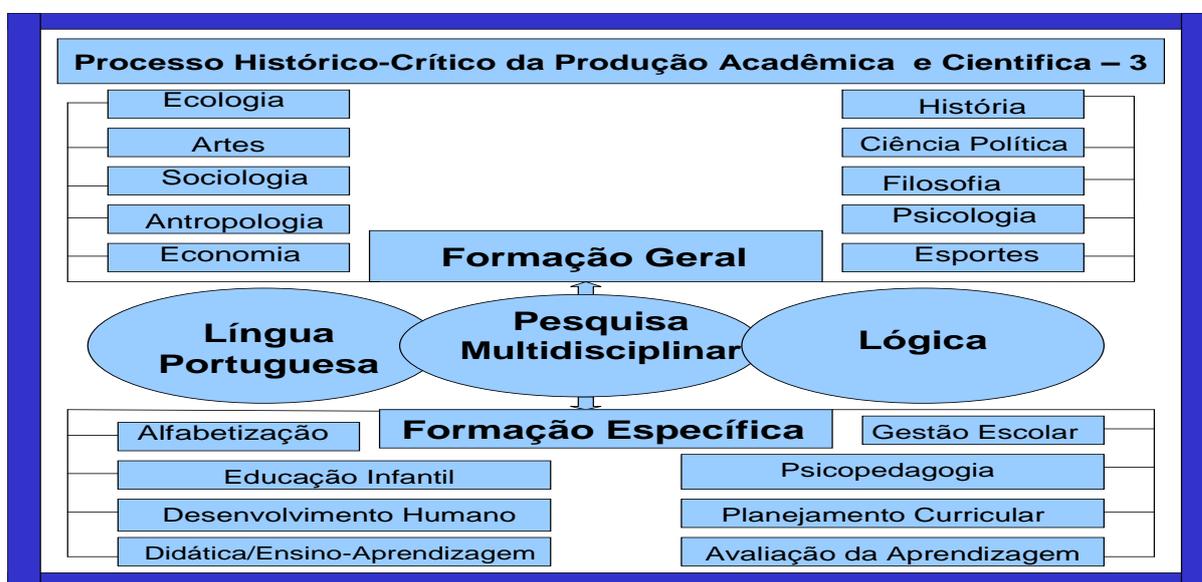


Dos procedimentos predominantemente manuais da primeira leitura, vai-se, então, para a pesquisa multidisciplinar, de natureza bibliográfica e documental. Esta pesquisa é o primeiro grande momento do processo histórico-crítico. Porque não deve ficar reduzida à busca pragmática de significados etimológicos ou epistemológicos em dicionários, ainda que muitos assim o procedam.

A pesquisa multidisciplinar (bibliográfica e documental), ou simplesmente pesquisa de esclarecimento, deve se constituir num momento de formação politécnica, no sentido em que este conceito aqui é empregado: o de potencializar as múltiplas faculdades humanas, através do processo de apreensão das diversas naturezas das áreas em investigação, proporcionadas pelos itens destacados.

⁷ - Evidentemente, esse é um processo longo e sua indicação tem a finalidade de, por um lado, mostrar a necessidade de realizá-lo por melhor que se considere, por outro, de mostrar que não há técnica ou método eficiente quando não se domina minimamente a língua. Ademais, o estudo da literatura associado ao da gramática é não só uma forma de refinamento dos sentidos e de determinadas percepções cognitivas, mas também de interpretação da vida em suas mais diversas dimensões.

Assim, o que poderia ser um simples texto de uma área de fundamentos (por exemplo, filosofia, sociologia ou psicologia), pode transformar-se num texto denso e multifacetado, na medida em que seus destaques contenham conceitos de subáreas como a ética, a lógica, a metafísica, a epistemologia, a estética, a música, de um período da literatura moderna, de um contexto ou de um fato histórico ou econômico ou político, etc., cuja compreensão em contexto é a base para a compreensão dos textos mais especializados de uma área particular, a Pedagogia, por exemplo. Neste caso específico, cada subárea da Pedagogia (desenvolvimento humano, educação infantil, alfabetização, didática, planejamento, gestão escolar, para citar algumas) será tão mais compreendida quanto mais desenvolvida for a capacidade de relacioná-la aos seus fundamentos⁸.



Num processo como esse, quando se dá a mesma atenção às diversas áreas do conhecimento, extrapolando o interesse pragmático do puro significado técnico ou da concepção sectária da ‘minha’ área, o processo de conhecimento se torna interessante e significativo e interdisciplinar (observe-se a ilustração da Figura 3).

Não seria exagero afirmar que esse momento é mais importante do que a própria compreensão do texto que lhe deu origem. É o momento da formação contextualizada, da apreensão de diferentes naturezas do conhecimento e, portanto, o momento de desenvolvimento das diversas naturezas humanas. É esse processo de humanização do objeto (no caso, o texto), através da objetivação da própria humanidade do homem, que a compreensão, do texto de origem, se realiza. Em suma, a riqueza de um texto só pode ser

⁸ - Evidentemente que essa dependência é mais acentuada nas ciências, cuja epistemologia depende da epistemologia de outras ciências, de que a Pedagogia é um exemplo clássico. Todavia, de um modo geral, a grande difusão de áreas interdependentes e das fronteiras de conhecimento impõem, hoje mais do que nunca, uma compreensão interdisciplinar, o que não é possível sem uma técnica que leve a isso.

compreendida à medida que o interesse por essa riqueza é despertado no sujeito. Se o sujeito transforma essa riqueza em pobreza, então aí reside a primeira, das assim chamadas, dificuldades de leitura⁹.

Feito o trabalho de pesquisa, inicia-se a segunda leitura do texto, cuja finalidade é alcançar todos os objetivos das quatro fases da técnica de leitura analítica, num processo integrado, que visa à descoberta da estrutura lógica do texto e, portanto, simultaneamente, a elaboração do esquema lógico (recupere visualmente o processo, voltando à Figura 2 ou atentando para a Figura 4).

Mais do que antes, sobressai, agora, a importância do domínio relativo da língua portuguesa, da construção de raciocínios e, como enfatiza Garcia (2000, p. 203-30), dos elementos estruturantes da construção de textos dissertativos.

3.1.1. PRE-REQUISITOS PARA A SEGUNDA LEITURA

Nesse momento, antes mesmo do início da leitura, é importante observar que um texto bem elaborado¹⁰ segue uma estrutura razoavelmente simples, onde introdução, desenvolvimento, conclusão correspondem ao processo síntese, análise, síntese¹¹. A síntese da introdução se diferencia da conclusão, porque enquanto naquela enuncia-se o que se pretende e como se vai abordar um determinado tema, nesta, expressam-se as dimensões que foram analisadas; enquanto na primeira, o problema deve ser claramente formulado num contexto objetivo, nesta, sintetizam-se os resultados de cada uma das dimensões analisadas. No caso da introdução, pode-se ainda enunciar as dimensões ou os aspectos que serão analisados, procedimento técnico que se transforma numa dica de como o desenvolvimento está estruturado.

O desenvolvimento do texto, não raramente, se compõe de uma estrutura que leva em consideração a forma como o problema está formulado na introdução. O mais comum é organizá-lo por seções, cada uma das quais analisando (respondendo) uma dimensão ou um aspecto que, em seu conjunto, encerra as múltiplas possibilidades de explicar o problema em sua totalidade.

Desse modo, cada seção se constitui de um processo de demonstração, por argumentos logicamente encadeados, de forma indutiva ou dedutiva. A organização, indutiva

⁹ - Acrescente-se: desde que essas dificuldades não tenham uma origem genética ou decorram de uma deformação física.

¹⁰ - E não se deve esquecer, que o descuido com a construção lógica dos tempos atuais, a grande maioria de textos, mesmo os de caráter dissertativos, tem deixado muito a desejar quanto a isso. É bem verdade que esse descuido, essa falta de rigor, já vem sendo criticado desde há muito, mas parece que se vive um momento singular quanto a isso.

¹¹ - Tem-se dito, quanto a esse aspecto, que a análise de uma obra literária é muito mais complexa, na medida em que a liberdade do estilo e a ênfase na criação impõem um processo não padronizado de abordagem analítica.

ou dedutiva, depende do modo particular como cada autor hierarquiza os fatores determinantes de uma dimensão do problema, sendo mais comum organizá-los pela natureza e pelo grau de importância para a explicação do problema, aliás, os mesmos critérios são utilizados para organizar as seções.

Assim, a dissertação, pró-forma, se torna um texto compacto, no qual o desenvolvimento se estrutura com base nas seções. Estas são constituídas de argumentos, que são compostos por proposições, que, por sua vez, são formadas por conceitos, os quais são as unidades do discurso científico. Esse, aliás, é o motivo pelo qual, nesse momento, o domínio dos elementos lógicos se torna tão importante.

3.1.2. A SEGUNDA LEITURA: A COMPREENSÃO DO TEXTO

Com o conhecimento desses pressupostos inicia-se a segunda leitura. Isso significa que quando o leitor inicia esse momento, sabe mesmo a priori como o texto deve estar organizado e como tecnicamente deve proceder para dissecá-lo. Numa palavra: a segunda leitura tem por objetivo não só a compreensão do texto do ponto de vista semântico e epistemológico, mas também a apreensão lógica de sua estrutura, donde decorre a necessidade de grifar as proposições, que constituem essa estrutura. O aperfeiçoamento dessa habilidade vem com a prática e com o prazer proporcionado pelo jogo de desmontar e remontar um texto.

Nesse sentido, o que deve ser assinalado na introdução? Fundamentalmente, o problema, que vem enunciado ou de forma propositiva, como objetivo do texto, ou como um questionamento. Marcam-se, também, as proposições indicativas da forma como o tema será abordado ou o problema explicado. Como já se disse, esse aspecto é relevante porque dá pistas da estrutura do desenvolvimento.

Como o desenvolvimento, ou as seções deste, é constituído de argumentos a atenção sempre deverá estar voltada para a identificação do início e do fim do argumento. A proposição principal e as que lhe dão suporte, as secundárias, devem ser grifadas¹². É esse trabalho técnico, que transforma visualmente o texto num esquema e que com pequenas alterações se transforma na estrutura lógica. Na conclusão, grifam-se as proposições que sintetizam os resultados, produtos da análise realizada no desenvolvimento.

Tecnicamente, esse é o trabalho fundamental. Dele, dependem todos os outros desdobramentos técnicos: o fichamento, o resumo, a resenha, o trabalho acadêmico, a monografia, o projeto de pesquisa, o artigo, e qualquer outro fazer acadêmico.

¹² - Nunca, jamais se deve grifar todo um parágrafo. Além de não ter sentido técnico, demonstra uma inabilidade não só para distinguir o essencial do secundário, mas também uma capacidade pouco desenvolvida para perceber hierarquias lógicas, aptidões fundamentais para perceber e elaborar esquemas lógicos.

3.2. SEGUNDO MOVIMENTO: ESQUEMA LÓGICO E FICHAMENTO

O trabalho de transformação do esquema visual, marcado no texto, em esquema lógico, seguido do fichamento conceitual, constitui-se no segundo movimento do método, momento que, por sua vez, se constitui numa transição entre os processos de apropriação (estudo) e os de objetivação (resumo, resenha e todas as formas mais elaboradas de trabalho acadêmico-científico: o projeto de pesquisa, a monografia, a dissertação, a tese).

Ainda que assim seja, há uma diferença essencial: a elaboração do esquema lógico de um texto, produto do processo de apropriação de seu conteúdo, é um esforço interpretativo de uma mensagem, estruturalmente finalizada; a elaboração do esquema lógico para a elaboração de um texto acadêmico, também, é um esforço interpretativo para a construção de uma mensagem, síntese de inúmeras leituras. A última parte deste artigo é um exemplo de como esse trabalho pode ser processado.

A transformação do esquema visual em esquema lógico consiste na estruturação hierarquizada das proposições principais e secundárias (estas, quando fundamentais), de acordo com a organização seqüencial das seções e subseções do texto, distinguindo-as em suas funções de introdução, desenvolvimento e conclusão.

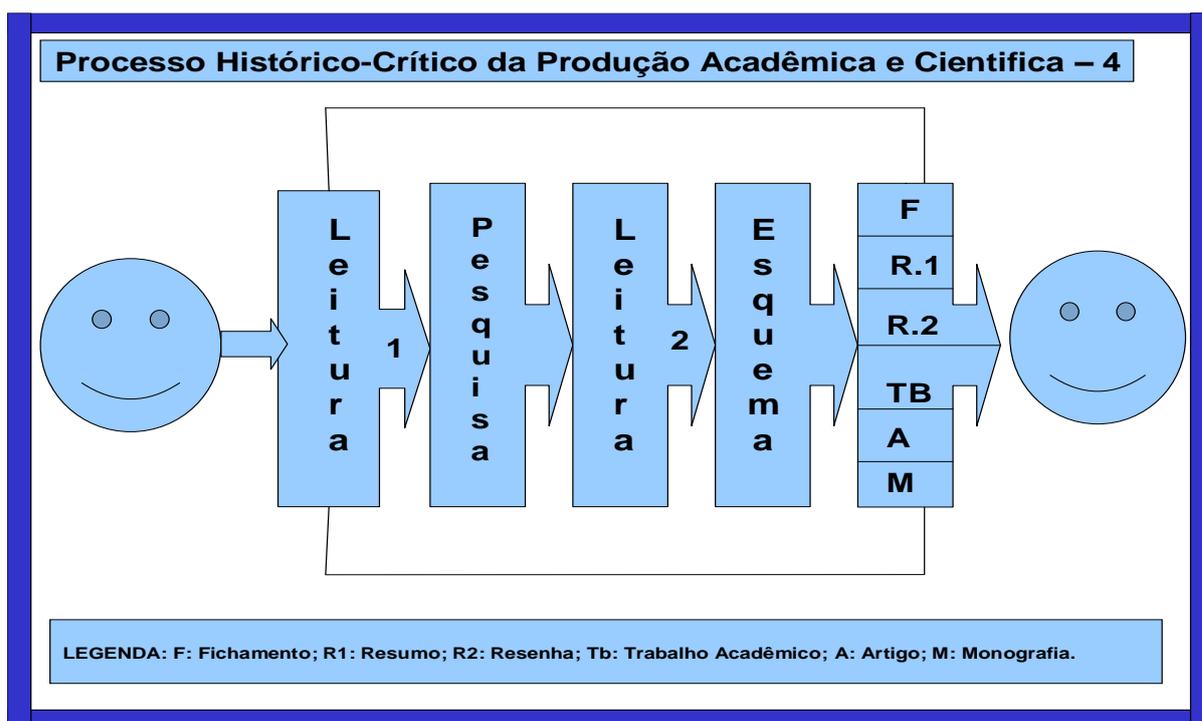
O fichamento é um modo de registrar as leituras realizadas para reutilizá-las em trabalhos acadêmicos ou científicos futuros. Há diversos tipos de fichamento, geralmente classificado de acordo com a finalidade. Há o fichamento de livro, que pode ser tanto a elaboração da estrutura lógica (e, portanto, do esquema do qual aqui se tem falado); o fichamento de capítulo, que pode ser feito de duas formas: através do esquema comentado ou através do resumo, que, também deve ser elaborado a partir do esquema. Há o fichamento conceitual, no qual se enuncia o conceito ou expressão conceitual, extraídos das proposições do esquema. Pode-se transpor para a ficha ou a definição *ipsis litteris* ou a própria interpretação, ou simplesmente apenas o enunciado conceitual, que é o adotado aqui¹³. De qualquer dos modos, a referencia completa da obra, com a indicação da página ou páginas, é imprescindível, para que a localização, no futuro, seja rápida e eficiente.

¹³ - O fichamento é um trabalho dispendioso e sem retorno imediato. Por isso, é um trabalho que geralmente é realizado para cumprir uma exigência acadêmica, sendo execrada pelos estudantes, tão logo isso seja possível. A importância desse trabalho de fato só aparece, quando o estudante resolve seguir uma carreira acadêmica ou de pesquisador, razão pela qual se incentiva o modelo conceitual simples, senão para maximizar o tempo pelo menos porque, na prática, desconhecem-se pesquisadores que tenham utilizado sua interpretação realizada há anos. O motivo parece ser único, o trabalho acadêmico opera mudanças sucessivas na capacidade de interpretação do pesquisador, o que não raramente gera uma constante insatisfação, e desta, a necessidade de aperfeiçoamento contínuo. Nessa situação, o fichamento vale muito mais como organização acadêmica, que eficientiza esse tipo de trabalho, do que como recuperação de uma leitura realizada. O que o fichamento facilita mesmo é a localização do texto e o que passa a valer é a releitura e a nova interpretação que se faz com ela.

3.3. TERCEIRO MOVIMENTO: A PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA

O terceiro movimento da formação acadêmica, pela via aqui indicada, consiste nas formas de expressão dos processos de apropriação. Essa atividade começa, por assim dizer, com exercícios mais simples, como o resumo, desde que entendido como reconstituição sintética do texto, a partir de suas principais proposições. Nesse sentido, a elaboração de resumos (tanto quanto resenhas e trabalhos acadêmicos) serve de exercícios para o desenvolvimento de habilidades de raciocínio lógico, estruturas essas fundamentais para a elaboração de trabalhos mais aprofundados.

O resumo é, assim, uma descrição sumária da mensagem do autor e é tão mais correta quanto mais se expresse através das proposições fundamentais do esquema do texto. Ora, uma vez que as proposições são as expressões dos juízos do autor, que por sua vez são a base dos argumentos, o resumo deve se restringir a exprimir o entendimento da mensagem, baseado única e exclusivamente nos argumentos do autor. O resumo, por isso mesmo, deve seguir o mesmo padrão estrutural utilizado pelo autor do texto. Enunciando em seqüência o que foi posto na introdução, os principais argumentos do desenvolvimento e as principais conclusões. Num resumo não cabem juízos de valor, nem crítica de qualquer tipo, nem devaneios de qualquer espécie. A ilustração da Figura 4 mostra o desenvolvimento completo do processo de estudo, no sentido leitor-autor: a primeira leitura, a pesquisa multidisciplinar, a segunda leitura, o esquema decorrente desse processo e os diversos desdobramentos do esquema, na forma como se descreve, nesse momento.

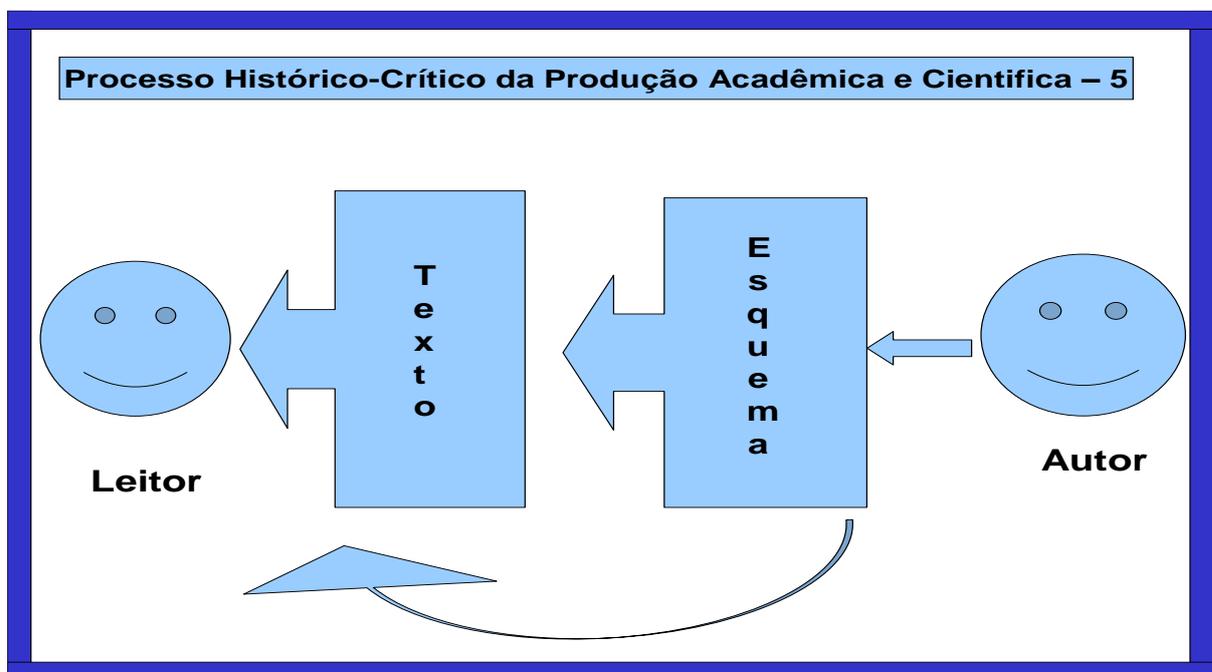


A resenha é uma interpretação crítica de um texto¹⁴. Normalmente, consiste, num primeiro momento, de uma descrição da mensagem e da estrutura dos argumentos (e, portanto, de um resumo) e, num segundo momento, de uma análise dos propósitos do autor, através do ajuizamento do alcance dos objetivos, da consistência dos argumentos e dos resultados expostos em função da metodologia e do referencial teórico utilizados.

Do ponto de vista didático, há uma impropriedade pedagógica quando se exige uma resenha de um acadêmico iniciante, uma vez que a elaboração de uma resenha prescinde do domínio de elementos metodológicos e teóricos mínimos na área referencial do texto. A sua prática, porém, é uma necessidade para o desenvolvimento das capacidades intelectuais.

Com a elaboração do esquema, do resumo e da resenha o processo baseado na apropriação da estrutura lógica de um texto se encerra. Restará, então, ao leitor, também, se transformar em autor para continuar aprimorando seu próprio desenvolvimento intelectual. Tendo aprendido com os autores lidos e superada a fase de interpretação de um único autor, poderá, então, iniciar a sua própria produção acadêmica.

A mudança de papel, de leitor para autor, leva, também, a uma inversão dos processos produtivos, a uma engenharia reversa do processo de estudo, tal como pode ser observado pela Figura 5, a seguir.



¹⁴ - Valeria a pena lembrar que, utiliza-se o termo descrever para resumo e interpretar para resenha, exatamente para mostrar a impossibilidade aludida por alguns da existência do resumo crítico (PRESTES, 2003, p. 34-35). Ora, resumo crítico é resenha e não resumo. Da mesma forma como se descarta qualquer possibilidade de a resenha ser meramente descritiva.

O exercício por excelência do treinamento para a engenharia reversa é a elaboração dos trabalhos acadêmicos. Trabalho acadêmico, de um modo geral, é todo exercício escrito a partir de uma pesquisa bibliográfica. Ainda que as monografias (de graduação ou lato sensu), as dissertações de mestrado e as teses de doutorado possam ser trabalhos acadêmicos, aqui, este se restringe ao trabalho escrito, produto de uma pesquisa bibliográfica, exigido nas disciplinas de Curso de Graduação. Nesse sentido, trabalho acadêmico é uma exposição dos diversos aspectos ou dimensões de um tema. O objetivo fundamental desse tipo de trabalho, portanto, é conhecer um determinado tema. Sua estrutura de apresentação segue a mesma da monografia, com elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, e sua arquitetura lógica, o modelo IDC – introdução, desenvolvimento¹⁵, conclusão (SOAREA, 2003, p. 51-100; MARTINS e POINTO, 2001, p. 49-61).

A monografia, ainda que se identifique com alguns elementos do trabalho acadêmico, em particular a estrutura de apresentação, conforme visto acima, possui as seguintes peculiaridades: sua origem é diversa, pode vir da pesquisa bibliográfica, da experimental, da empírica ou do conjunto destas, constituindo-se assim numa pesquisa científica. Seu objetivo não é conhecer um tema em geral, mas explicar um problema em particular. Por isso mesmo, não raramente, se constitui de uma pesquisa de médio prazo, planejada por projeto de pesquisa, com referenciais teóricos e metodológicos bem definidos. Sua arquitetura lógica é construída ou pelo modelo IDC ou do IMRDC – introdução, metodologia (dependendo da natureza da pesquisa, pode-se utilizar materiais e métodos), resultados, discussão e conclusão¹⁶.

Não obstante essa distinção formal, no desenvolvimento do modelo IDC, os elementos – metodologia, enquanto métodos e técnicas (e se for o caso, o material) utilizados na pesquisa; resultado, enquanto produto ou tese; e discussão, enquanto análise dos resultados com base no referencial teórico e na metodologia utilizada – são expostos, ainda que não rigorosamente localizados numa seção do texto, como no modelo IMRDC.

O projeto de pesquisa é o planejamento de execução de uma investigação científica acerca de um determinado tema. As estruturas de projetos de pesquisa variam de acordo com a tradição das Instituições Científicas, com o grau de profundidade a que se

¹⁵ - Ver-se-á, em seguida, que existem muitas formas de se estruturar o desenvolvimento. Tudo depende dos critérios que se utiliza para ‘cortar’ a realidade e melhor explicá-la. Um bom começo é perceber como os autores lidos fizeram.

¹⁶ - No mercado de livros de metodologia, existem muitos sobre monografia, uns muito minuciosos, outros que indicam apenas uma possível estrutura. O trabalho duro, porém, que é a construção do esquema lógico e do discurso dissertativo, que lhe segue, poucos (como os já referidos Severino e Garcia) se atrevem a demonstrá-lo em toda a sua inteireza. O esquema na última seção deste texto, inicia esse trabalho, embora a melhor forma seja a própria leitura de monografias consistentes. Em todo caso, indica-se, para maiores detalhes, o manual de Tachizawa e Mendes (2001), e os já clássicos livros de Salomon (1999) e Eco (2006).

propõe e de acordo com a natureza da investigação. Alguns elementos, todavia, são comuns a qualquer projeto de pesquisa: o tema, o problema, a justificativa, o referencial teórico, a metodologia com seus respectivos procedimentos técnicos, o cronograma e as referências.

O tema, sendo bem definido e delimitado, deve estar circunscrito a uma realidade particular, que deve ser problematizada de acordo com os objetivos da investigação¹⁷. Por isso, o problema pode vir expresso tanto sob a forma interrogativa quanto propositiva. A justificativa¹⁸ é uma exposição de motivos da relevância da pesquisa para a área científica onde se encontra, para o aprimoramento da sociedade, para a formação profissional, ou as três razões conjuntamente. O referencial teórico consiste na adoção de um conjunto de princípios ou conceitos com os quais se possa proceder à análise da realidade. Projetos consistentes expressam uma relação indissociável entre teoria e método de investigação¹⁹, mas é comum virem-se em projetos referenciais dissociados da orientação metodológica, que deve consistir numa concepção do agir, orientada pelos princípios epistemológicos da teoria adotada.

Por isso mesmo, um procedimento técnico específico (a pesquisa bibliográfica, a observação, a entrevista, o questionário, a amostragem, etc.) só adquire sentido singular, quando integradas ao contexto teoria-método, sem o que são apenas instrumentos ou procedimentos de coleta de dados, e nada mais.

O cronograma tem a finalidade de orientar a execução em seus diversos intervalos de tempo e as referências, o grau de profundidade do levantamento inicial da bibliografia. Posto desta maneira, o projeto, além de orientar a execução, permite o controle e a avaliação durante sua execução.

O artigo é uma comunicação, elaborada sob o gênero dissertativo que, de maneira clara e concisa, expõe os resultados de pesquisa científica e acadêmica. Os conteúdos variam de acordo com a finalidade, e a natureza, de acordo com a área científica. São mais comuns dois tipos de Artigos:

¹⁷ - Projetos institucionais sempre exigem, muito provavelmente para facilitar a avaliação, objetivos gerais e específicos. Nesse caso, devem-se tomar alguns cuidados: não enunciar um conjunto de objetivos sem relação hierárquica, ou, o que é pior, inverter a hierarquia, enunciando o geral como específico ou vice-versa; sempre começar com um verbo operacional no infinitivo, evitando verbos de duplo sentido ou de alcance superficial (identificar, por exemplo), ou similares a noção de pesquisa (investigar, analisar). Objetivos específicos bem formulados devem se propor ao alcance de propósitos parciais, com o conjunto dos quais se alcança o objetivo geral. Por outro lado, não se devem confundir objetivos com hipóteses. Estas, quando utilizadas, geralmente em estudos mais avançados, constituem-se de possíveis respostas ou soluções ao problema levantado.

¹⁸ - Não é raro encontrar projetos com introdução ou apresentação (evidente que a utilização do termo apresentação é completamente equivocada), nesse caso a justificativa deve vir nessa seção do texto para se evitar redundância.

¹⁹ - Luna (2000, p. 13-22) chama atenção para a indissociabilidade efetiva dessa relação no processo de pesquisa e para o fato de que a própria formulação do problema já expressa em si uma intenção determinada pelo referencial teórico.

Artigo de divulgação consiste no relato analítico de informações atualizadas sobre um tema de interesse para determinada especialidade. Não requer necessariamente uma revisão de literatura retrospectiva.

Os artigos de revisão são conhecidos como “reviews” e dividem-se em dois tipos fundamentais: a) Revisão anual, contendo a descrição ampla das contribuições da literatura em determinada área de estudo; b) Revisão seletiva, crítica e analítica, com enfoque em um problema científico particular e sua solução.

A arquitetura lógica do artigo depende das regras da revista científica onde será publicado. É, todavia, comum às áreas de exatas, tecnologia e da saúde utilizarem o modelo IMRDC, enquanto que as de ciências humanas e sociais, o modelo IDC (observadas as considerações anteriores sobre o desenvolvimento deste).

Todas essas formas de comunicação do trabalho acadêmico-científico têm, em comum, o fato de que sua elaboração depende, principalmente nos momentos de formação da vida acadêmica, do esquema lógico da estrutura de desenvolvimento do trabalho.

Por isso, o esquema, no processo de produção acadêmica, é o elo de ligação entre o leitor e o autor, o elemento através do qual se pode perceber que as atividades de leitura não estão dissociadas das atividades de elaboração do discurso, da produção do texto dissertativo. Se não estão dissociadas, porém, não se pode dizer que o processo produtivo seja o mesmo. Com efeito, ainda que com base nos mesmos princípios lógicos, do ponto de vista do autor, a atividade é diametralmente oposta ao processo de interpretação do leitor, porque o processo se dá do esquema para o texto e não o inverso, como acontece no processo de leitura (compare-se a Figura 1 com a Figura 6).

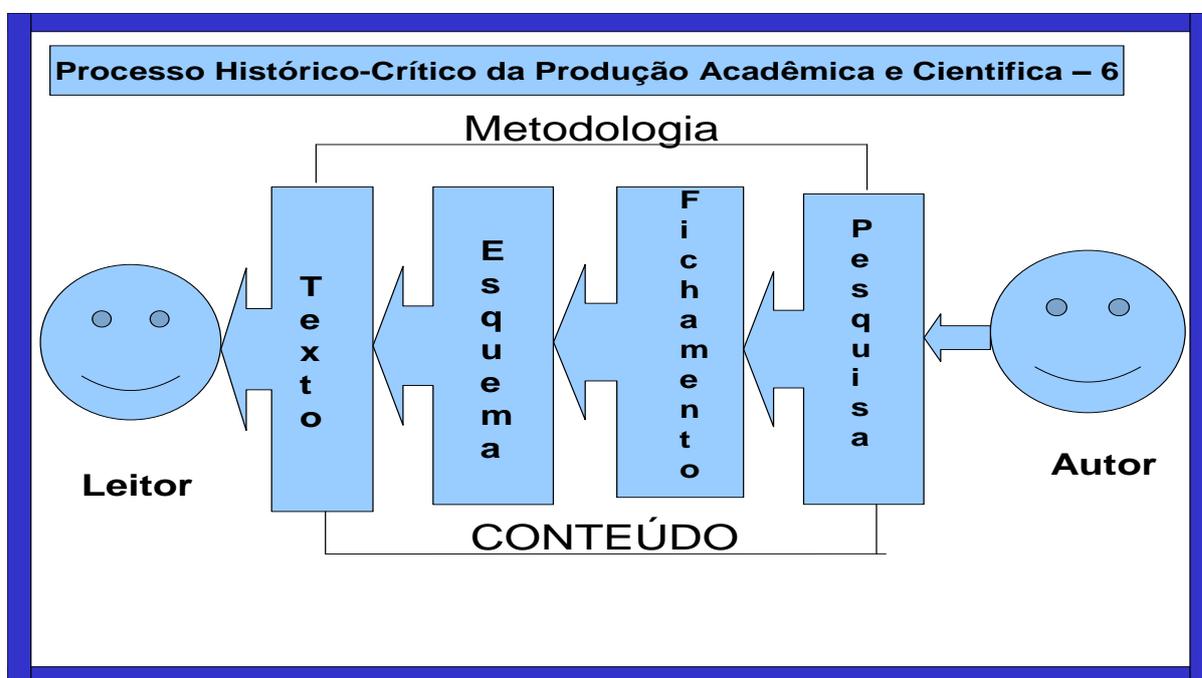
No sentido exato em que se coloca aqui, o início do processo de produção é a síntese final do processo anterior e, ao mesmo tempo, o começo da análise em sentido contrário. Sem embargo, pela concepção histórico-crítica do conhecimento, a formação cultural humana se dá num movimento dialético de apropriação/objetivação, entendendo por objetivação “a transferência da atividade humana do sujeito para o objeto”, através da qual é incorporada à prática social, e por apropriação, a posse, por aprendizagem, dessa prática social (DUARTE, 2007; 2000, p. 115-128)²⁰.

Nesse sentido, o processo de interpretação de um texto é um processo de apropriação de uma herança cultural, que deve ser apreendida (se o objetivo é o desenvolvimento humano completo e, portanto, politécnico do homem) em suas múltiplas possibilidades; e a produção de um texto, deixa de ser tecnicamente apenas a produção de um

²⁰ - Palestra ministrada ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Alfabetização da UNIR, em 11/07/2007.

texto, para ser a inscrição da cultura humana sob forma de texto. Tal inscrição poderia se manifestar a sob a forma de música, de obra de arte, de instrumentos técnicos e tecnológicos, de um paladar específico, de sentimento, de cheiro, de um modo de trabalhar a natureza ou de viver em sociedade. E tudo isso pode estar num único texto.

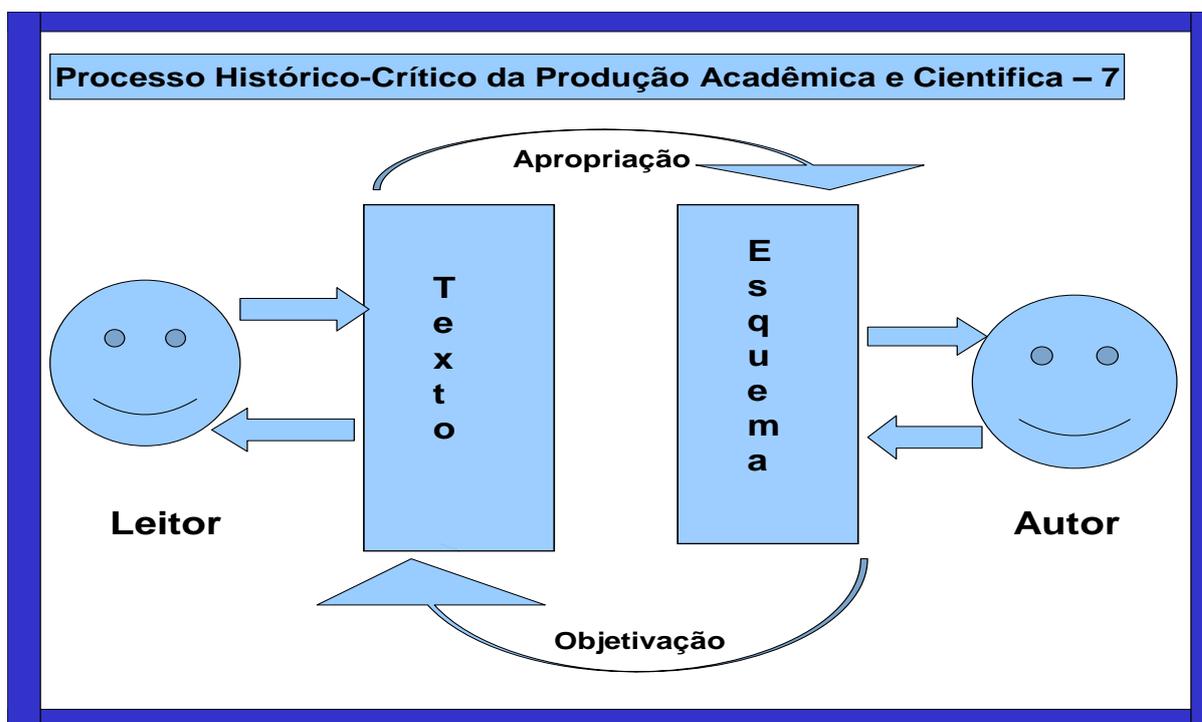
E por que pode estar? Porque também pode não estar. A profundidade da apropriação depende não só da qualidade da formação, mas também da técnica de apreensão, da técnica de leitura. Não é à toa que quanto mais se melhora a formação e se aprimora a técnica, mais ricos e prazerosos se tornam todos os processos intelectuais. Do mesmo modo a qualidade da objetivação, como a produção de um texto, também depende da formação e de uma técnica de produção, cujo processo está sintetizado na Figura abaixo:



Com efeito, se o processo de produção de um texto em si é um movimento do esquema para o texto²¹, e a elaboração do esquema, tal como se viu durante a demonstração do processo de leitura, pressupõe a organização do trabalho acadêmico, em

²¹ - Há pessoas que conseguem escrever um texto dissertativo, a partir de um esquema mental, sem necessidade de representá-lo de alguma forma escrita (gráficos, organogramas, fluxogramas ou propositivos), mas esse é um privilégio das exceções, principalmente quando se está em processo de formação. Muitos acadêmicos, por razões as mais variadas, ao preferirem desenvolver um texto sem a organização lógica de sua estrutura e, não raramente, sem a efetiva clareza da função dos conceitos, acabam produzindo cartas, cuja mensagem até pode ser entendida, mas as idéias exprimem um brainstorming caótico. Outros passam diretamente ao texto, escrevendo compulsivamente à medida que as idéias “brotam” (“põem tudo no papel”, como fazem e indicam alguns literatos), para que em seguida procedam ao “enxugamento”, um processo de desbastamento das redundâncias e incoerências do texto. Outros, ainda, seguem no sentido inverso fazem um rascunho, um resumo de cada uma das idéias a serem dissertadas, cujo esboço serve de base para o texto. Nenhum desses casos, ainda que seja recomendável cada pessoa encontre e desenvolva a forma com a qual melhor se adapte, para as necessidades do discurso dissertativo, mostrou-se mais eficiente que o proposto.

particular, a execução de procedimentos essenciais como a aplicação da técnica de leitura ao estudo bibliográfico, e o fichamento conceitual, logo o processo completo de produção do texto dissertativo vai da pesquisa multidisciplinar (bibliográfica e documental)²², passando pelo fichamento conceitual e pela elaboração do esquema lógico, até a elaboração propriamente do texto, conforme está ilustrado na Figura 6.



Em síntese, o processo técnico de produção acadêmica e científica, enquanto um processo que se dá entre um leitor e um autor, mediado pelo processo ensino-aprendizagem, constitui-se de dois movimentos de um mesmo processo de aprendizagem simultânea, cuja direção é determinada pelo sujeito que o executa: ou o leitor ou o autor. A direção contrária do papel de um sujeito em relação ao outro, sintetizada na Figura 7, acima, enfatiza apenas que a condição de um sujeito, em todo o transcurso, se aprende na relação com o outro, como ademais toda e qualquer relação. A percepção dessa simetria, diametralmente oposta, talvez seja a primeira evidência de que a formação já esteja se realizando sob os parâmetros da concepção histórico-crítica.

4. O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESQUEMA COMO ESTRUTURA LÓGICA DO TEXTO DISSERTATIVO

²² - Nos textos científicos, ao contrário dos eminentemente acadêmicos, a pesquisa de que se fala aqui, não se restringirá apenas à bibliográfica, antes, esta estará associada à natureza da investigação científica.

Para finalizar essa exposição do processo histórico-crítico de formação acadêmica, passa-se a demonstrar como o processo de produção de um esquema, enquanto estrutura lógica de um texto dissertativo, pode ser realizado.

Pressupondo que a organização do trabalho e de pesquisa, tal como proposto aqui, tenham sido realizados, toma-se por base o tema “Evasão Escolar”. Enquanto pesquisa científica, tem-se que investigar a partir de um problema, que pode ser “Explicar os fatores determinantes da evasão escolar no segundo ano do ensino fundamental, do turno matutino, da Escola Municipal Tarcila Correa Lima”.

Observe-se que a precisão, com que o problema está formulado, não deixa outra alternativa, a não ser: pesquisar os fatores da evasão e não da repetência ou do rendimento; que só interessam os fatores do segundo ano e não do primeiro ou terceiro; do mesmo modo não interessam os do turno vespertino; e, finalmente, não se trata da escola “x” ou “y”, mas da Tarcila Correa Lima.

Evidentemente que para a compreensão desse problema, a pesquisa bibliográfica foi direcionada para: a) a literatura nacional que trata do tema; b) os trabalhos científicos, nacionais e regionais, que especificamente estudaram o problema. É importante perceber que toda ciência é constituída de teorias, por cujos princípios epistemológicos e ideológicos a literatura é apreendida e que, por esta razão, o modo como se enxerga, quando se lê, e a forma como se aborda, quando se escreve, depende desses princípios. Esse é o motivo pelo qual que quem tem domínio teórico vê melhor e, não raramente, aborda com maior profundidade.

Dito isso, pode-se debruçar sobre a literatura, já devidamente selecionada. Está-se em busca de quê? Dos fatores da evasão. Sem muito trabalho, descobre-se que esses fatores só podem estar ligados aos sujeitos, ao ambiente e ao processo e instrumentos de trabalho (no caso, o processo ensino-aprendizagem) dos envolvidos.

Ora, quem são os sujeitos? Professores, alunos, gestores (diretores, supervisores, orientadores, coordenadores, etc.), pessoal de apoio, os pais. E o ambiente? A escola com a qualidade de seus equipamentos e a comunidade com a sua complexa rede de organização social. Processo e instrumento de trabalho? A organização pedagógica (da gestão aos processos didáticos), os conteúdos curriculares, os métodos de ensino.

Em se tratando de evasão, não é difícil perceber que grande parte dos fatores tem origem fora do ambiente escolar. Eles se localizam no âmbito das relações familiares, do mundo do trabalho ou do desemprego, das relações inter-grupais da comunidade, do estado de saúde e, no caso da Amazônia, de algumas doenças próprias dos trópicos, para citar alguns.

Nesse momento, já é possível perceber que o acúmulo de fatores de toda ordem precisa ser organizado, para não se dar margem ao caos e a desordem. Cabe, portanto, construir uma estrutura lógica compreensiva, um primeiro esboço da arquitetura da explicação do problema, a tese a ser defendida. Para tanto, duas questões são básicas: a definição da forma estrutural como o problema será tratado e o estabelecimento de critérios de agrupamento, geralmente pela natureza do fator. Em ambos os casos, são procedimentos epistemológicos ou cortes epistemológicos que visam encontrar a melhor forma de abordar o problema.

Passa-se, então, a estruturar duas formas possíveis, a partir dos seguintes critérios de agrupamento: fatores intra-escolares, fatores extra-escolares, fatores pedagógicos, fatores sociais, fatores políticos. Põe-se intencionalmente dessa forma, porque permite perceber, de imediato, que a utilização de intra e extra não pode se dá no mesmo nível hierárquico de pedagógico, social e político, logo, para colocá-los num mesmo nível, só criando duas estruturas, conforme Quadro 1, abaixo.

Esquema 1	Esquema 2
Critério: natureza do lugar	Critério: natureza do fator
Problema: Explicar os fatores determinantes da evasão escolar	
Introdução 1. Fatores intra-escolares da evasão escolar 2. Fatores extra-escolares da evasão escolar Conclusão	Introdução 1. Fatores pedagógicos 2. Fatores sociais 3. Fatores políticos Conclusão

Observe-se que no esquema 1, o critério utilizado permite agrupar os fatores por lugar de determinação. Logo, os fatores serão agrupados de acordo com a natureza do lugar, e não com a natureza do fator. Pelo menos nesse primeiro corte. Já no esquema 2, o agrupamento será realizado de acordo com a natureza do fator e não do lugar onde ocorrem. Com esse procedimento, define-se o campo dos fatores (que no texto se transformarão em seções).

Esse primeiro corte já permite fazer algumas considerações. Primeira: O esquema 1 considera relevante distinguir os fatores que ocorrem no âmbito da escola daqueles que ocorrem fora; o 2, não. Segunda: Para o esquema 2, determinar a natureza do fator para atribuir-lhe o grau de importância na explicação do problema é fundamental. Terceira: como consequência, nesse primeiro momento, para o esquema 1 importa saber o lugar; para o 2, a proximidade com o escopo científico da área, o caráter pedagógico dos fatores.

No segundo momento, ou segundo corte, cabe estabelecer o critério de agrupamento dos fatores por campo (intra e extra, no esquema 1; pedagógico, social, político, no 2). O esquema 1 organiza os fatores do campo intra-escolar, com base na vinculação que esses fatores têm com os principais elementos do processo ensino-aprendizagem (professor, aluno, processo didático, gestores, pessoal de apoio, pais, equipamentos e ambiente); e os fatores do campo extra-escolar, com base na origem do fator, por área das políticas públicas (no caso, a social, a da saúde, a da educação). Já o esquema 2 organiza cada campo (o pedagógico, o social e o político), com base no critério da importância para a explicação do problema.

Esquema 1	Esquema 2
Critério: vínculo com processo ensino-aprendizagem e origem por área pública	Critério: grau de importância
Problema: Explicar os fatores determinantes da evasão escolar	
<p>Introdução</p> <p>1. Fatores intra-escolares da evasão escolar</p> <p>1.1 Fatores relacionados ao professor;</p> <p>1.2 Fatores relacionados aos alunos;</p> <p>1.3 Fatores relacionados ao processo ensino-aprendizagem (relação interpessoal, conteúdos, métodos);</p> <p>1.4 Fatores relacionados aos gestores;</p> <p>1.5 Fatores relacionados ao pessoal de apoio;</p> <p>1.6 Fatores relacionados aos Pais;</p> <p>1.7 Fatores relacionados aos equipamentos da escola;</p> <p>1.8 Fatores relacionados ao ambiente físico, ecológico e humano da escola;</p> <p>2 Fatores extra-escolares da evasão escolar</p> <p>2.1 Fatores relacionados à família;</p> <p>2.2 Fatores relacionados ao trabalho;</p> <p>2.3 Fatores relacionados ao desemprego;</p> <p>2.4 Fatores relacionados aos grupos em conflito social;</p> <p>2.5 Fatores relacionados ao estado de saúde;</p> <p>2.5.1. Fatores relacionados às doenças tropicais;</p> <p>2.6 Fatores relacionados à falta ou rotatividade de professor;</p> <p>2.7 Fatores relacionados à incúria dos gestores;</p> <p>2.8 Fatores relacionados à corrupção dos gestores;</p> <p>Conclusão</p>	<p>Introdução</p> <p>1. Fatores Pedagógicos:</p> <p>1.1 Fatores relacionados ao processo ensino-aprendizagem;</p> <p>1.1.1 Relação interpessoal professor/aluno;</p> <p>1.1.2 Desqualificação dos conteúdos;</p> <p>1.1.3 Falta de domínio de métodos e técnicas de ensino;</p> <p>1.1.4 Fatores relacionados ao professor;</p> <p>1.1.5 Fatores relacionados ao aluno;</p> <p>1.2 Fatores relacionados aos gestores;</p> <p>1.3 Fatores relacionados aos equipamentos da escola;</p> <p>2 Fatores Sociais</p> <p>2.1 Fatores relacionados à família;</p> <p>2.2 Fatores relacionados ao desemprego;</p> <p>2.3 Fatores relacionados ao trabalho;</p> <p>2.4 Fatores relacionados ao estado de saúde;</p> <p>2.4.1. Fatores relacionados às doenças tropicais;</p> <p>2.5 Fatores relacionados aos grupos em conflito social;</p> <p>1.6 Fatores relacionados ao Pessoal de Apoio;</p> <p>3 Fatores Políticos</p> <p>3.1 Fatores relacionados à corrupção dos gestores;</p> <p>3.2 Fatores relacionados à incúria dos gestores;</p> <p>3.3 Fatores relacionados à falta ou rotatividade de professor;</p> <p>3.4 Fatores relacionados ao ambiente físico, ecológico e humano da escola;</p> <p>Conclusão</p>

Desse segundo momento pode nascer as subseções. É facultado, ao autor, todavia, a decisão de criá-las ou não. Geralmente, quando os fatores têm uma hierarquia longa, quando os fatores são subdivididos em subfatores e estes em outros subfatores, é conveniente abrir subseções, porque esta medida facilita a vida de quem escreve e de quem lê.

Finalmente, passa-se a um terceiro momento que consiste na enumeração e hierarquização dos fatores no âmbito de seu escopo imediato. Por exemplo: quais são os fatores relacionados ao professor? Suponha que se tenha encontrado 5 fatores: a) faltoso; b) agressivo; c) explica rápido demais; d) só faz um tipo de avaliação; e) utiliza sempre a mesma técnica de ensino. Pronto, feita a enumeração, cabe determinar a hierarquia pelo grau de importância para a explicação do problema. Se a seqüência encontrada for (c, b, a, e, d), faltará decidir ainda se o raciocínio vai ser construído de “c” para “d” ou vice-versa. É esta seqüência que determina a natureza do argumento: se indutivo ou dedutivo (SOARES, 2003, p. 20-40). Então, agora, é só escrever, pois cada proposição transformada em texto é um ato, cuja satisfação exprime a exuberância da criação humana.

CONCLUSÃO

O objetivo deste texto foi o de demonstrar que a aprendizagem do desempenho técnico não está dissociada da formação humana e de suas múltiplas formas de realização, e que há um modo elaborado de se alcançar esse tipo de formação: o método histórico-crítico.

Por esse método, composto a partir das contribuições da técnica de leitura analítica, de Severino (2002), da técnica de elaboração de texto, de Garcia (2000) e da concepção pedagógica da teoria histórico-crítica da educação, de Saviani (2003), torna-se possível uma formação integrada, através da qual, estudo, ensino, pesquisa e elaboração de texto constituam movimentos simultâneos e interdependentes sem dissolver as peculiaridades e a natureza específica de cada um.

Um método que, para além de uma técnica de leitura ou de pesquisa ou de exposição ou de elaboração, se constitua de um processo pedagógico potencializador das múltiplas faculdades humanas, através do qual se promova uma prática acadêmica voltada para a superação da formação fragmentada do homem, em busca de seu desenvolvimento omnidimensional, motivo pelo qual é um método orientado pelo princípio pedagógico da politecnia.

Por isso, os procedimentos técnicos de sua execução, de um lado, não visam apenas à construção de um produto (o esquema, do ponto de vista do leitor, ou o texto, do

ponto de vista do autor), mas também a apreensão do conhecimento em contexto, pela pesquisa multidisciplinar, em busca da formação interdisciplinar; de outro, não se contenta apenas com a descoberta ou elaboração da estrutura lógica do texto, o esquema, mas com os diversos desdobramentos decorrentes, cujas conexões possibilitam ver a relação direta entre esquema, resumo, resenha e, no limite, permitem ver como, sobre estas formas básicas da produção acadêmica, repousam as formas mais aprofundadas de elaboração, tais como a monografia e o artigo.

Portanto, em sua totalidade, o processo histórico-crítico de produção acadêmica, ao integrar – sem desconsiderar a especificidade de cada um – diversos momentos do fazer intelectual, converte o processo de produção acadêmica num processo de formação humana indispensável à sua própria emancipação.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas-SP: Autores Associados, 2000.

_____. **Palestra ministrada ao Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Alfabetização da UNIR**, em 11/07/2007.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 20. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FERNANDES, Florestan. A formação política e o trabalho do professor. In: CATANI, Denise B; MIRANDA, Hercília T; MENEZES, Luiz C.; FISCHMANN, Roseli (Orgs.). **Universidade, escola e formação de professores**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 1999.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 23. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

KUENZER, A. Z. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, G. (Org.). **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LUNA, Sergio V. de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2000.

MACIEL, Antônio C. **Projeto de pesquisa**. 2004. 20f. Recurso Didático em PowerPoint – Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

_____. **Artigo científico**. 2004. 15f. Recurso Didático em PowerPoint – Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

_____. **Estrutura de monografia: modelo 1**. 2004. 11f. Recurso Didático em PowerPoint – Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

_____. **Fichamento conceitual**. 2004. 6f. Recurso Didático em PowerPoint – Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

_____. Projeto Burareiro: politecnicidade e educação integral à luz da pedagogia histórico-crítica (artigo completo). In: **Anais IV Simpósio Trabalho e Educação**. Belo Horizonte: NETE/UFMG, 2007.

_____. **Projeto Burareiro – politecnia e educação integral**: a formação do educador no olho do furacão da prática social. 2005. 10 f. Grupo de Pesquisa Fundamentos Epistemológicos e Experimentais da Pedagogia Histórico-Crítica – FEPHISC/UNIR, Ariquemes-RO.

MACIEL, Antônio C.; BRAGA, Rute M. Projeto Burareiro: politecnia e educação integral à luz da pedagogia histórico-crítica (Resumo). In: **Anais 59ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. Florianópolis: SBPC/UFSC, 2006.

MACIEL, A. C.; BRAGA, R. M.; RANUCCI, A. M. C. **Projeto Burareiro de Educação Integral: a escola dos sonhos**. 2005a. 14 f. Projeto de Extensão Universitária – Grupo de Pesquisa Fundamentos Epistemológicos e Experimentais da Pedagogia Histórico-Crítica – FEPHISC/UNIR, Ariquemes-RO.

MACHADO, Lucília R. S. **Politecnia, escola unitária e trabalho**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. Politecnia no ensino de 2º grau. In: GARCIA, Walter; CUNHA, Célio (Orgs.). **Cadernos SENE B 5**. Politecnia no ensino médio. Periódico da Secretaria Nacional de Educação Básica do Ministério da Educação, Brasília: SENE B/São Paulo: Cortez, 1991.

MARTINS, Gilberto de A; PINTO, Ricardo L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

NIEMEYER, Oscar. Conversando com o meu sócia. **Isto é**, Rio de Janeiro, N. 1973, p. 42-43, ago. 2007.

NOGUEIRA, M. A. **Educação, saber, produção em Marx e Engels**. São Paulo: Cortez, 1990.

PRESTES, Maria Luci de M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: do planejamento aos textos, da escola à academia. 2. ed. São Paulo: Rêspel, 2003.

SALM, Claudio L. **Escola e trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SALOMON, Délcio V. **Como fazer uma monografia**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 7. ed., São Paulo: Autores Associados, 2003.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed., São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Edvaldo. **Metodologia científica**: lógica, epistemologia e normas. São Paulo: Atlas, 2003.

TACHIZAWA, Takeshy; MENDES, Gildásio. **Como fazer monografia na prática**. 6. ed. Rio de Janeiro: FVG, 1001.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1991.

COMO FAZER A REFERÊNCIA DO TEXTO:

MACIEL, Antônio C.; BRGA, Rute M. Politecnia e emancipação humana: uma metodologia para a formação histórico-crítica na universidade. In: AMARAL, Nair G. M.; BRASILEIRO, Tania S. A. (Orgs.). **Formação docente e estratégias de integração universidade/escola nos cursos de licenciatura**. São Carlos – SP: Pedro & João; Porto Velho: EDUFRO, 2008.